

É MACHO! O HOMEM ASSISTENTE SOCIAL¹

Hígor CALEFFI²

RESUMO

A questão de gênero é um tema com o qual nos defrontamos cotidianamente em nossa atuação profissional e que vem, cada vez mais, ganhando espaço no Serviço Social, devido a sua importância para o entendimento das questões relacionadas à estrutura social, política, econômica e cultural de valores construídos em nossa sociedade e para a reflexão sobre as relações sociais. Este trabalho procura conhecer um pouco mais sobre o homem Assistente Social, pesquisando especificamente os profissionais e os alunos do sexo masculino do Serviço Social, analisando as vantagens, desvantagens, diferenças, preconceitos e dificuldades que eles enfrentam por estarem em uma profissão/faculdade predominante e historicamente feminina.

Palavras-chave: Serviço Social, Prática Profissional, Gênero, Homem.

⁽¹⁾ Texto resumo do Trabalho de Conclusão de Curso, homônimo, apresentado à Universidade Católica de Santos como parte dos requisitos para a obtenção do título de bacharel em Serviço Social em dezembro de 2003 sob a orientação da Prof^ª Ms. Fátima Aparecida Barbosa Oliveira Micheletti.

⁽²⁾ Assistente Social – Prefeitura Municipal de Cubatão/SP.

INTRODUÇÃO

Desde que iniciei o curso de Serviço Social pude sentir fortemente que a questão de gênero está presente em nossas vidas, apesar de não nos darmos conta disso e nem saber o que significa o termo “gênero”. Ser o único homem numa classe com mais de quarenta alunas traz algumas dificuldades no relacionamento, que são sempre um desafio, por mais que se acostume e aprenda a lidar com elas.

Foi por este motivo que escolhi como tema do meu TCC o Homem Assistente Social. Para conhecê-lo, saber como ele se sente em uma profissão histórica e predominantemente feminina, como se dá a sua prática profissional, quais são as vantagens e desvantagens encontradas, se existe um diferencial, quais são os preconceitos encontrados e como são enfrentados. Também pesquisei os alunos da Faculdade de Serviço Social de Santos, a fim de conhecer o seu relacionamento com as colegas, esposas e namoradas, professores e professoras, amigos e amigas.

O trabalho foi construído através de uma pesquisa teórica nos livros e trabalhos que tratavam sobre a questão de gênero e sobre o Serviço Social. Se por um lado a pesquisa bibliográfica foi dificultosa devido à falta de material que focalize exclusivamente o homem profissional de Serviço Social, por outro a pesquisa empírica foi extremamente rica na coleta das experiências e contribuições dos profissionais e alunos que forneceram material suficiente para embasar outras tantas pesquisas.

Os pontos relevantes que levantamos com a pesquisa apesar de serem vários e diferentes, estão todos ligados de tal forma que optamos por desenvolvê-los também ligados, sem a divisão de capítulos, de forma a não dividir e fragmentar nada.

Este trabalho está longe de esgotar o tema que traz, mas ele abre um caminho que ajuda não só a conhecer a nossa prática profissional, como também a nós mesmos.

DESENVOLVIMENTO

Para começar gostaria de esclarecer que o tema deste trabalho apesar de trazer o título “É Macho!” não tem nada de machista, no mal sentido da palavra. “É Macho!” é um movimento dos alunos homens do Serviço Social surgido nos encontros estudantis. O registro mais antigo que tive contato são fotos do Encontro Nacional de Estudantes do Serviço Social de 1996, mas segundo informações colhidas dos alunos mais antigos o “É Macho!” já existia antes disso, apesar de não sabermos a data exata de seu início. Tem como objetivo mostrar que os homens também podem fazer Serviço Social, sejam eles heterossexuais, homossexuais, padres, etc. e que esta não é uma profissão específica do sexo feminino. O “É Macho!” tem a sua maior expressão nos encontros estudantis de Serviço Social onde se apresenta de forma simples, mas com bastante destaque, na tradicional foto tirada com todos os homens presentes e reunidos, mostrando que existem e também fazem parte desta categoria profissional.

Gâmbit: *“Nós somos uma minoria, mas ninguém pensa nesta minoria”.*

No ano de 2003, na UniSantos, os alunos homens se organizaram enquanto “É Macho!” para fazer uma homenagem surpresa para nossas colegas e professoras, no dia da mulher.

Hulk: *“A gente passou para elas que não estamos aqui para disputar com ninguém. A gente está aqui mesmo é para somar, para estar junto com elas, para estar construindo junto (...)”.*

Somos diferentes, mas somos ao mesmo tempo iguais, no sentido de “unidade” e não de “mesmice” como prega a sociedade capitalista contemporânea (FROMM, sd. p.36).

Este é o objetivo deste Trabalho, nos conhecer melhor, descobrir nossas diferenças, dificuldades, semelhanças, quem somos, o que somos, porque conhecer é um ato de amor. “Respeitar uma pessoa não é possível sem conhecê-la”. (FROMM, sd., p.52)

E falando em nos conhecer, vou lhes apresentar os sujeitos da pesquisa, os homens do Serviço Social. Foram utilizados dois instrumentos de pesquisa com dois públicos diferentes.

O primeiro foi o questionário que foi aplicado junto aos Assistentes Sociais homens com registro no CRESS (Conselho Regional de Serviço Social) de Santos, que estavam atuando na área ou já aposentados e com quem tinha contato. São eles:

Nome	Idade	Ano de Formação	Local	Local onde trabalha	Cargo
Sócrates	67	1974	UniSantos	DERSA - Secretaria dos transportes (Aposentado)	Assistente Social Sênior e Supervisor de RH
Platão	45	1991	UniSantos	Prefeitura Municipal de Santos	Assistente Social
Aristóteles	45	2000	UniSantos	Prefeitura Municipal de Cubatão	Assistente Social
Maquiavel	39	1985	Londrina-PR	Prefeitura Municipal de Santos	Assistente Social
Descartes	38	1992	PUC-SP	Prefeitura Municipal de Santos	Assistente Social
Hobbes	37	1987	UniSantos	Prefeitura Municipal de Santos	Assistente Social
Rousseau	36	1999	UniSantos	Prefeitura Municipal de Guarujá	Assistente Social
Kant	34	1994	UniSantos	Prefeitura Municipal de Santos	Coordenador
Hegel	27	2001	UniSantos	Prefeitura Municipal de Santos	Assistente Social
Marx	22	2002	UniSantos	Prefeitura Municipal de São Paulo	Assistente Social

Foram enviados dezenove questionários e tivemos o retorno de dez. Ele continha as seguintes perguntas abertas: O que o levou a escolher o Serviço Social como profissão?; Você percebe algum diferencial na sua prática profissional pelo fato de ser homem?; Você já teve alguma vantagem e alguma desvantagem por ser Assistente Social homem? Qual(is)?; Quais são suas dificuldades?; Já sofreu ou sofre algum tipo de diferenciação por ser Assistente Social homem?; Você se acha diferente dos outros homens? e; O Serviço Social mudou sua visão em relação ao papel do homem e da mulher na sociedade?

Também participaram da pesquisa os alunos homens da Faculdade de Serviço Social de Santos. Com estes foi realizado um grupo de reflexão, onde participaram oito alunos, contando comigo e mais um Assistente Social recém formado que ajudou na coordenação deste grupo (apenas um aluno da faculdade não participou do grupo, estando todas as classes representadas). Todos nós estamos identificados com nomes de heróis que escolhemos, por nos identificar com eles e/ou por fazerem parte da nossa infância. São eles: Gâmbit, Batman, Hulk, O Fenômeno (Ronaldinho), Jaspion, Super-Homem, Indiana Jones e Hércules. A discussão do grupo seguiu os seguintes pontos norteadores: escolha da profissão; preconceito (colegas/família); como as esposas/namoradas lidam com o fato de estudarem numa faculdade onde a grande maioria é mulher; chegada na Universidade; relacionamento em classe; participação no Centro Acadêmico, representante de classe e outros; estágio e, sexismo e Serviço Social. Os pontos norteadores não eram fixos, dando possibilidade de se discutir outros assuntos que tivessem interesse.

Do material coletado, questionários e transcrição da discussão do grupo, foi feito o levantamento dos pontos relevantes, sendo analisados e interpretados junto com a pesquisa bibliográfica utilizando como metodologia a pesquisa qualitativa. É importante frisar que os depoimentos dos Assistentes Sociais estão relacionados, basicamente, com a sua prática profissional e os depoimentos dos estudantes dizem respeito ao convívio do dia a dia na faculdade de Serviço Social.

Como este trabalho trata da questão de gênero é necessário compreender o que é isto e como é construído em nossa sociedade. Nascermos exatamente iguais e depois a sociedade é que vai nos tornando homens e mulheres? Somos realmente iguais? E o que é ser igual?

No sentido religioso, cristão, igualdade significa que todos são iguais perante a Deus por serem todos filhos Dele. Na visão dos pensadores socialistas, encontramos a igualdade entendida como o fim da exploração, do uso do homem pelo homem.

Já a sociedade contemporânea capitalista entende igualdade como “mesmice”, é o fim da individualidade. As pessoas trabalham nos mesmos serviços, vestem o mesmo tipo de roupa, gostam do mesmo tipo de música, tem as mesmas diversões, enfim, são como se fossem uma coisa só. E isto acontece porque a sociedade precisa de pessoas exatamente iguais, compondo a mesma massa. Que consuma os mesmos produtos, obedeçam ao mesmo comando, façam a mesma coisa e, ainda por cima, com a ilusão de que são diferentes.

Muitas das conquistas alcançadas pelas mulheres vêm nesta linha de pensamento. Não é difícil se ouvir frases como: “para estar em um lugar dominado por homens é preciso se tornar um homem”. Não estou me posicionando contra a igualdade entre homem e mulher, ou desprezando as conquistas de direitos do movimento feminista, mas temos de ter um olhar atento e crítico a tudo isto. Somos iguais, mas ao mesmo tempo cada um é uma entidade única, com uma identidade própria. Igualdade é “unidade”, somos todos Um e ao mesmo tempo indivíduos diferentes (FROMM, sd., p.36). Em muitos casos as mulheres não conquistaram a igualdade, e sim, eliminaram as diferenças. Não alcançaram seus postos porque conseguiram a valorização das suas individualidades, mas porque se pareciam com o modelo visto como o ideal pela sociedade, o masculino.

Só haverá igualdade entre os sexos quando as suas diferenças e individualidades não forem hierarquizadas. Elas são hierarquizadas porque foram assim construídas pelas relações sociais e transmitidas

pelas gerações através da cultura. “Gênero é a construção do masculino e do feminino através da representação social” (SAFFIOTI³). Nós somos fruto de milênios de representação social do masculino e do feminino, e isto se reflete em várias áreas do nosso ser, está em nós enquanto ser político, social, econômico, cultural, biológico, etc. Quando nascemos trazemos como herança dos nossos antepassados algumas características, e tantas outras nos são acrescentadas no decorrer de nossas vidas por influência do nosso meio.

A humanidade tem pelo menos, 200 milhões de anos e não se tem registro de ter havido nestes 200 milhões de anos, uma sociedade matriarcal.

Nas sociedades primitivas cabia ao homem a tarefa da caça e às mulheres a colheita e o cuidado com os filhos e a casa. O homem desenvolveu a sua força, habilidade e criatividade já que a caça lhe dava períodos de descanso, enquanto que a colheita e o cuidado com os filhos exigia da mulher um trabalho constante (SAFFIOTI⁴).

A mulher era vista como um ser quase que divino porque era ela quem dava a luz. Ela tem o poder da vida além da amamentação. Isto não significa que dominavam, mas sim que eram profundamente respeitadas. Só que o homem observando a natureza e a si mesmo, descobriu a sua participação na criação da vida. Descobriu que seu sêmen era necessário para a concepção de um filho e começaram a se achar superior às mulheres por conta disso.

Era o sêmen que dava a vida e não as mulheres, pensavam, a mulher é apenas um instrumento que era utilizado para a gestação. E com essas idéias, juntando com a sua força, deu início ao patriarcado, regime social na qual o pai (homem) é a figura máxima de autoridade.

Eles, os homens, colocaram o sêmen no centro de toda a estrutura social. E dentro desta visão falocêntrica, os ritos de passagem

(3) Heleieth Saffioti em workshop: “Abuso e exploração, uma violência contra a infância e a juventude”, realizada no dia 27/08/2003 em Santos.

(4) Ibid., p.5.

de algumas sociedades, consistia na prática de sexo oral com meninos a fim de beberem o sêmen e se apoderarem, pois no sêmen estava a força, o vigor, a virilidade. As mulheres praticavam o sexo oral e ingeriam o sêmen quando precisavam se fortalecer fisicamente e o consideravam essencial para a produção do leite materno.

Grande parte dos estudos de gênero procuram analisar o patriarcado mostrando os males que causou e causa às mulheres. Fazem assim uma análise parcial da nossa cultura considerando o patriarcado como um sistema opressivo somente em relação à mulher (NOLASCO, 2001, p.95). Não observam os malefícios que causam também aos homens. Quando tratam sobre a violência, por exemplo, estudam a violência do homem contra a mulher e não incluem a violência entre os homens. o índice de mortes por homicídio é muito maior entre os homens do que entre as mulheres, isso sem falar em acidentes de trânsito, tráfico, entre outras mortes não naturais.

Apesar das conquistas femininas, o homem foi e ainda é, por muitos, considerado o provedor das necessidades da família. Ainda que sua mulher trabalhe e contribua para o orçamento familiar, cabe ao homem ter o maior salário a fim de assumir a sua função de chefe. A ele não é permitido fracassar, por maiores que sejam as dificuldades, o homem tem de trabalhar para o sustento da casa. E na atual conjuntura em que vivemos com altos índices de desemprego, esta atribuição funciona quase como uma tortura para os homens, que por mais que tentem não conseguem arranjar emprego e se sentem inúteis, fracassados, desiludidos, incapazes.

Uma observação que foi levantada pelos alunos, é que as políticas públicas estão muito mais voltadas para a mulher do que para os homens. Não que existam muitas políticas para as mulheres, e sim, que faltam para os homens.

Indiana Jones: *“Tem a delegacia da mulher, que é para as mulheres não terem de falar o que aconteceu com elas na frente de um homem, e tal... mas imaginem um homem que é estuprado por um homem. O cara não vai à delegacia e fala, ‘ó, eu fui estuprado’, o cara*

não vai a uma delegacia falar isso, eu não iria. Não existe um lugar para isso.”

É muito difundido, por exemplo, o combate ao câncer de mama com camisetas, propagandas, serviços especializados, mas pouco se diz sobre o câncer de próstata. Talvez, isso se dê pela difusão da idéia patriarcal de que o sexo masculino é o sexo forte, e portanto, não precisa de atenção, de cuidado, de auxílio.

Outra prova da dificuldade de ser homem são os ritos de passagem. Os rituais de passagem de diferentes culturas trazem em comum a idéia de que o menino deve ser retirado do convívio da mãe, pois sua união prolongada com a mesma pode feminilizá-lo. É afastado do contato com as mulheres e depois deve provar que é merecedor do status de homem. “Na África oriental, meninos de várias tribos (*Maasai, Rendille, Jiee, Samburu*) são separados de suas mães e submetidos a rituais dolorosos de circuncisão através dos quais se tornam homens.” (NOLASCO, 2001, p.97).

Estes rituais são comuns em nossa sociedade. Um bom exemplo é o que acontece nos quartéis. Há a idéia de que os homens devem ser obrigados a servir, pois lá aprenderão a ser homens de verdade. Os jovens recrutados quando chegam ao quartel passam por uma série de ritos masculinizantes ministrados pelos veteranos. São destituídos de tudo o que trazem de casa, roupas, comidas, objetos, tudo o que lembre sua casa onde moravam com a mãe, é substituído. São dados uniformes, raspam suas cabeças e são obrigados a executar tarefas, ritos humilhantes onde suas forças, coragem, obediência, disciplina, são colocadas à prova. Estes rituais são preservados de maneira a manter continuamente uma cultura onde calouros aprendem com veteranos.

Para se conseguir o título de homem, são necessários alguns atributos masculinos exigidos em algumas sociedades. Só assim pode tornar-se um “homem de verdade”:

- “um homem de verdade em qualquer sociedade é um protetor; isto envolve ser um guerreiro;”

- “um homem de verdade deve ser um provedor adequado;”
- “um homem de verdade deve ter um componente erótico: competência sexual, potência ou virilidade;”
- “em culturas latinas, ser um homem de verdade envolve também ser competitivo homem-a-homem, ter vigor, beber muito, ser generoso, dominar a mulher. (NOLASCO, 2001, p.99).

Ninguém nasce homem, torna-se homem, e tem de conquistar este status todos os dias. Os estudos de Gilmore trazidos por Nolasco em seu livro “De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais”, apontam que em todas as sociedades a representação masculina é uma categoria de status social na qual os sujeitos são continuamente colocados à prova, e o ideal de masculinidade é impossível de ser alcançado. Não basta ter nascido homem, tem de provar que é homem para ser reconhecido como tal (NOLASCO, 2001, p.95).

Hegel: *“Por todo o momento percebo que as pessoas cobram de você um ‘comportamento macho’. Querem de você – agressividade, voz de comando e extrema racionalidade; como é difícil demonstrar que podemos mais ouvir do que falar, ser educado e sensível.”*

Desde pequenos somos condicionados a ter comportamentos de macho, ouvimos sempre dos nossos pais frases como, “seja homem”, “faz cara de mau”, “homem não chora”. O homem está sempre associado a valores ligados à força, razão, coragem, liderança, cabe a ele tomar iniciativas, assumir sempre uma posição ofensiva. Como os tímidos, os raquíticos, os afetivos, os sensíveis ficam nisso tudo? Pois se forem flexíveis, pacíficos, etc. correm o risco de serem considerados menos homem.

Hegel: *“Muitas vezes, as pessoas querem que você seja um líder ou participante de uma diretoria pelo fato de ser homem sem questionar sua vocação e capacidade.”*

Sócrates: “(...) o empenho tinha de ser maior para corresponder à expectativa.”

Muitos homens são levados a se comportar de forma contrária as suas inclinações onde poderiam se desenvolver mais eficazmente por não serem consideradas “dignas” de um homem. “Quantos homens castraram o artista que poderiam ter sido com o receio da marginalização destinada aos que não cumprem rigorosamente os preceitos do macho!” (SAFFIOTI, 1987, p.25).

Os alunos também trazem esta questão da cobrança que existe sobre os homens, principalmente quando falam sobre ser representante de classe. Até onde temos conhecimento, pelo menos o primeiro representante eleito por cada turma foi um homem. E isto acontece em uma classe onde a grande maioria é mulher.

Hulk: “Acho engraçado é que tem a questão da cultura do homem ser aquele que está à frente das questões, de resolver alguma coisa, por exemplo, representante de classe. No ano passado o pessoal empurrava, ‘vai você, vai você’. (...) A maioria aqui é mulher, eu sou homem. Porque uma mulher não dirige, não coordena?” (os outros concordam)

Indiana Jones: “A primeira postura, a primeira reação é esta a de colocar o homem na frente, acham que ele vai colocar ordem.”

Outro ponto mencionado, é que o homem tem de estar sempre disposto no que diz respeito a sexo, o homem de verdade tem de ter excelente competência sexual, caso isso não aconteça ele corre o risco de “regressar” em direção à feminilidade, sempre pronta a ganhar espaço; lhe é negado qualquer tipo de sentimento, a ele só vale o título de varão. Para ele fica muito complicado alegar não ter gostado da menina, ou estar buscando um relacionamento mais firme, relacionar o querer sexual com o querer sentimental. Muitos pais estimulam os filhos a terem sua iniciação sexual com profissionais do sexo e assim os meninos provam sua masculinidade, separando o corpo e genitais do envolvimento afetivo.

Hércules: *“Conheci uma moça de São Luís do Maranhão... e as amigas dela assim, ‘ó, se você não ficar com ela nós vamos chamar você de qualira’, e eu, ‘qualira, o que é qualira?’ (risos). Aí eu precisei ficar com ela (risos). Depois eu descobri que qualira é homossexual.” (risos)*

O homem é estimulado a falar e valorizar o sexo como maneira de reproduzir o modelo para eles determinado. “Os estereótipos têm, realmente, a força do molde. Quem não entra na fôrma corre o risco de ser marginalizado das relações consideradas ‘normais’. O conceito de ‘normal’ é socialmente construído pelo costume.” (SAFFIOTI, 1987, p.39). E é através do costume que são estabelecidos o papel do homem e da mulher, respeitando as normas sociais. Estas não se realizam de forma arbitrária, criada ao acaso, as normas sociais são regras de conduta de como proceder, previamente criadas pela sociedade guiando o comportamento social. A sociedade espera que cada um desempenhe seu papel com “determinados direitos e obrigações referentes a um status específico, ou com o status global.” (FERRARI, 1983, p.104). Status é o lugar que o ator social ocupa dentro do seu grupo, instituição social ou mesmo dentro de cada sistema social e está mais ligado às expectativas de comportamento do que à posição social.

Assim, como a sociedade criou o modelo de homem ideal, também criou o da mulher ideal. Para estas ficaram valores como, resignação, servilismo, obediência ao macho e as tarefas ligadas ao cuidado com a casa, com os filhos e a família. Ao homem cabe o sustento da casa, a caça, a proteção do lar de perigos externos como animais, ladrões, etc.

O problema desta estrutura de papéis está em querer colocar pessoas muito diferentes em moldes padronizados, aplicando algumas sanções a quem foge à regra, como discriminação e preconceito. As pessoas temem o novo, o diferente incomoda, é difícil aceitar e é sempre uma surpresa quando se vê, por exemplo, uma família em que a mãe trabalha e o pai cuida da casa e dos filhos. Ou mais chocante ainda, quando um menino brinca de boneca e a menina de bola

ou de carrinho, isto é logo corrigido, como se ele não fosse ser pai um dia, ou como se a menina não pudesse dirigir ou se dedicar a um esporte considerado masculino.

Kant: *“Não dá para negar que existe uma questão de gênero que faz parte da nossa sociedade por mais que a gente faça uma crítica. Acho que isto é tão forte que às vezes a gente se pega cumprindo nossos papéis de gênero mesmo.”*

No questionário enviado aos Assistentes Sociais havia uma pergunta que tratava sobre os papéis do homem e da mulher na sociedade e se o Serviço Social mudou a sua visão em relação a eles. Todos, com exceção de apenas um, reconhecem que o Serviço Social contribuiu com as suas visões e revisões dos papéis sociais.

Hegel: *“O Serviço Social é um espaço que pode tornar você um homem com uma ótica diferente.”*

Descartes: *“Avalio que o Serviço Social contribuiu (somando-se à minha formação pessoal/familiar) para ampliar minha visão sobre as relações humanas num contexto mais amplo, que abrange os papéis sociais de homens e mulheres.”*

Kant: *“Mudou com certeza. Muda sua visão de sociedade e você começa a pensar que papéis são estes. E começa a fazer uma reflexão do papel do homem e da mulher.”*

E isto se dá pelo Serviço Social ser uma profissão em que a questão de gênero está sempre em discussão e por nos defrontar com ela no nosso cotidiano profissional. Isto nos ajuda a refletir e pensar o porque dessa desigualdade em nossa sociedade. A questão de gênero é tão importante para o profissional de Serviço Social, que está presente nos princípios fundamentais do nosso Código de Ética.

“Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação-exploração de classe, etnia e gênero.”

“Exercício do Serviço Social sem ser discriminado, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, gênero, etnia,

religião, nacionalidade, opção sexual, idade e condição física.”(Código de Ética Profissional do Assistente Social).

Kant: “(...) *pela profissão trabalhãr estas questões de gênero, pela questão dos direitos humanos, minimiza esta questão da diferenciação pela questão de gênero. Mas nós somos minoria neste universo. Enós Assistentes Sociais temos de desconstruir isso, não só na prática profissional, como também na nossa vida.*”

A influência que a sociedade exerce na delegação dos papéis também é facilmente perceptível pelo fato de existirem no Serviço Social muito mais do que homem. Isto porque, desde os primórdios, a mulher ficou com a função dos afazeres de casa, educar os filhos, cuidar do lar, dos doentes, dos velhos, etc. e a prática da assistência é uma prolongação destas atividades. Atividades estas que também não são remuneradas (é caridade), e tão pouco reconhecidas como trabalho e respeitadas, exatamente por serem atividades de mulher. “Há que se ponderar, porém, que as vantagens oferecidas por mulheres no desempenho de certas atividades não derivam nem de sua anatomia, nem de sua fisiologia. São, ao contrário, vantagens adquiridas ao longo do processo de socialização a que são submetidas.” (SAFFIOTI, 1987, p.62).

Apredominância feminina no Serviço Social foi um fato que, apesar de já esperado, surpreendeu os alunos quando ingressaram na faculdade.

Jaspion: “*Então pela lista de aprovados eram 55 mulheres e cinco homens, quer dizer, era um calhamaço de mulheres.*”

Hércules: “*Quando eu cheguei, eu fiquei com medo (...) Quando eu fui fazer a inscrição eu sabia que era majoritariamente feminina, mas eu pensava que era todo feminino. Então eu ia achar meio estranho, o que eu ia fazer lá, sendo só mulher. Eu perguntei pra moça na inscrição, ‘só tem mulher mesmo?’ e a moça, ‘só tem mulher’, mas graças a Deus tinham dois lá.*”

Além de assustar num primeiro momento e trazer algumas complicações, como veremos mais adiante, a predominância feminina traz ainda algumas dificuldades também para os profissionais.

Descartes: *“Creio que por ser uma profissão onde o número de homens e mulheres é tão dispar, as trocas e o intercâmbio de idéias acabam sendo menos ricas, limite que encontro no meu ambiente de trabalho.”*

Kant: *“Quando a gente escolhe o Serviço Social, como somos minoria, acabamos tendo algumas dificuldades de entrar neste universo que é feminino.”*

Outro ponto levantado, é que os outros profissionais ficam surpresos quando vêem que existe homem Assistente Social. Como se esta fosse uma profissão específica do sexo feminino, o que é um constrangimento para os profissionais de Serviço Social.

Sócrates: *“(...) o fato de ser homem despertava sempre curiosidade entre os colegas de profissão.”*

Marx: *“O que ocorre é sempre um surpresa para os colegas de profissão, que sempre se surpreendem com um Assistente Social homem.”*

Hobbes: *“Já aconteceu de, em alguns treinamentos e cursos, profissionais de outras áreas se surpreenderem quando me apresento e dizem a célebre frase: ‘achei que Serviço Social era profissão de mulher’.”*

O que leva um homem a escolher o Serviço Social como profissão? Os alunos e os profissionais levantaram alguns motivos que os influenciaram e motivaram esta escolha. Muitos citaram a influência religiosa como influenciadora; boa parte dos pesquisados tinha alguma participação em organizações religiosas que atuavam na área da assistência.

Maquiavel: *“Na representação que hoje guardo da minha decisão dois fatores foram definidores. O primeiro religioso, por considerar uma profissão onde eu poderia ajudar pessoas. O segundo político, pois*

entendia que como Assistente Social poderia colaborar num processo de transformação da sociedade.”

Hobbes: *“Desde os 12 anos militava na igreja e em partido político, tendo alguns trabalhos na comunidade, (...) ao conhecer as profissões optei em fazer Serviço Social em função da vivência.”*

Algo muito interessante que apareceu, é que a grande maioria disse que ia fazer outro curso, não pensava em fazer Serviço Social, mas acabou por mudar de opinião por influência de alguém, que o identificou com a profissão e lhe apresentou o curso, por alguns não conhecido.

Batman: *“Eu pensava em fazer Filosofia ou Psicologia, além de Artes (...) eu conheci uma moça daqui, e quando ela me falou do curso me apaixonei, fui ver o que era, me informei muito.”*

Kant: *“Eles falaram, ‘porque você não faz Serviço Social? É uma profissão legal’, mais minha mãe e minha irmã, (...) Acabei indo sem conhecer muito o que era o Serviço Social.”*

A escolha da profissão é encarada pelos familiares e amigos dos alunos de uma forma um pouco variada. Primeiro tem a alegria de ter alguém da família fazendo faculdade, o sonho de estudar sendo realizado. Por outro lado, existe um preconceito relacionado à profissão. No início imaginava que o problema estava em achar o Serviço Social uma profissão de mulher, relacionando a escolha da profissão com a opção sexual, mas o preconceito sentido pelos alunos está mais relacionado à desvalorização da profissão. O Serviço Social aparece como uma profissão pouco conhecida e que não possibilita a inserção no mercado de trabalho e retorno financeiro.

Super-Homem: *“As pessoas perguntam o porquê? Por que Engenharia, Pedagogia, Medicina, etc. o cara, vai ser Professor, vai ser Médico, vai ser Engenheiro, é natural, mas ‘Serviço Social o que é?’.”*

Jaspion: *“Quando eu falei em casa, todo mundo perguntou, ‘dá futuro?’, acho que foi a primeira pergunta. A segunda, ‘quanto ganha?’, ‘dá pra viver disso?’, acho que era o ponto culminante da questão. E a terceira, ‘o que é isso?’, ‘o que isso faz?’.”*

Existe também o apoio por reconhecerem que a profissão tem a ver com ele e que o irá ajudar no desempenho do trabalho que o mesmo já desenvolvia.

Super-Homem: *“No meu caso não houve espanto, como eu estava na prática, quando eu falava que ia fazer Serviço Social os outros falavam, ‘tem tudo a ver contigo’. Então não houve um espanto, o pessoal identificou o porquê. Eu já estava atuando, trabalhando dentro de uma instituição.”*

Também há a preocupação dele estar entrando numa profissão em que a maioria é mulher e ele vai estar pelo menos umas quatro horas por dia em contato direto com este “calhamaço de mulheres”. O ciúme é algo que assombra os alunos.

Super-Homem: *“Esta questão de ter pouco homem e tal..., eu já sofri, eu não, é minha mulher quem sofre eu não soffro.” (risos).*

Gâmbit: *“Minha ex-namorada detestou, odiou a idéia (...).”*

Jaspion: *“Comigo também foi a mesma coisa. No início ela fez questão de vir conhecer quem eram as meninas, e ela brincava, ‘eu quero que sejam um bando de velhas que você não vai ter pra quem olhar pro lado’. Acho que tinha a questão do ciúme, acho não, tinha a questão do ciúme.”*

Em todas as sociedades o homem é o guerreiro, e através da história os homens morrem em guerras e mais guerras, sempre voltando menos guerreiros do que tinham partido, mas em contrapartida, os sobreviventes tinham à sua disposição cada vez mais viúvas, criando um harém que servia muito bem à estratégia de aumentar a população para garantir a preservação da espécie. O ser humano é um animal polígamo por natureza. “(...) sem as regras sociais, praticamente todos os homens seriam promíscuos, como foram em 80 por cento das sociedades pela maior parte da nossa história.” (PEASE, 2000, p. 166). Desde a difusão da ideologia judaico-cristã e o surgimento da monogamia, este impulso biológico vem causando constantes problemas, entre eles o ciúme.

O fato de o homem ser um animal polígamo não significa que não tenha capacidade de se submeter às regras sociais e religiosas. A poligamia fazia sentido em outra época, mas a traição é algo que preocupa muito as esposas e namoradas dos alunos de Serviço Social, principalmente quando os colegas de trabalho ficam brincando com estas situações e os alunos vão passar algum tempo fora em um encontro de estudantes.

Uma estratégia utilizada por elas é a de conhecer as alunas do curso, e tem ajudado a minimizar este problema. Ajuda tanto em saber com quem ele está convivendo ali no dia a dia, como também para fazer “alianças” e ter alguém de confiança perto dele o vigiando.

Gâmbit: “(...) até eu vim pra cá, ela endoidou. Fui pro ERESS, contra a vontade dela, endoidou mais ainda, mas fui. O que deixa ela um pouco mais calma é que a melhor amiga dela estuda comigo, foi o que acalmou os ânimos, e ela foi pro ERESS, senão eu estava... ferrado, pra não dizer outra coisa”.

Além de enfrentar o ciúme das esposas e namoradas, ainda há o ciúme que ocorre por parte dos maridos e namorados das colegas de faculdade.

Indiana Jones: “Também tem os maridos das mulheres. No primeiro ano tive um problema sério com um que era muito ciumento. E ele falou pra moça, ‘não tem homem lá?’, e ela ‘tem, mas sabe... são tudo meio viad...’. Poderia falar que era seminarista ou outra coisa. No outro dia ele foi na faculdade, aí eu fiquei, ‘pô, eu ando normal ou meio assim... sabe?...? (risos e brincadeiras)”.

É uma situação desagradável para os alunos e para as alunas que também têm de ficar dando explicações quando eles ligam para suas casas, ou quando são vistos juntos, ou quando fazem algum trabalho para faculdade, etc. Às vezes isto compromete o relacionamento na faculdade, eles reclamam que o tratamento a eles muda quando o namorado está perto.

Hulk: “É chato que a gente cria um vínculo grande com as pessoas, cria uma amizade, e depois elas passam a namorar e

distancia pra caramba. Rola o ciúme por parte do namorado... estou passando por isso, da pessoa se distanciar, não falar comigo, ela gostava muito de mim, e ele começou a ficar por isso, da pessoa se distanciar, não falar comigo, ela gostava muito de mim, e ele começou a ficar com muito ciúme”.

Estudar onde a grande maioria é mulher e você é um homem, também traz outras dificuldades, como assédio. Nosso comportamento se altera quando nos relacionamos com outras pessoas, principalmente do sexo oposto. Temos o instinto de sedução e quando vemos o sexo que nos atrai utilizamos vários artifícios para tal, e as esposas e namoradas dos alunos tem um pouco de razão em ficarem enciumadas, temos de reconhecer, pois os alunos relatam que há assédio na faculdade.

Hulk: *“Podemos dizer... assim... que a gente sofre (risos), a gente é vítima... constantemente... (risos). A gente está lá sentado e vem uma mão beliscando...”*

Hércules: *“Da minha parte, não tive muitos problemas com isso. Até porque as tentativas de assédio acabaram se concretizando.” (risos).*

O homem é mais estimulado pelo que vê, a mulher pelo que ouve. “O cérebro masculino, de acordo com a sua estrutura, sente atração pelas formas femininas, e é por isso que imagens eróticas exercem tanto impacto sobre ele.” (PEASE, 2000, p.183). O homem é atraído por curvas, pernas e formas, por isso é comum aquela olhadinha de virar a cabeça que o homem dá quando passa por uma bela mulher. Não quer dizer que ele queira fazer sexo ou ter um relacionamento com ela, a atração é um alerta, algo instintivo relacionado ao seu papel na procriação da espécie e estimulado pela sociedade desde que é uma criancinha. E as mulheres fazem muito bem o uso disso na arte da sedução.

Super-Homem: *“Tem umas meninas que gostam de se mostrar mesmo. (...) Chegar e se mostrar assim... pô, uma mulher fazer*

isso com um homem não é assédio? Ela pode levar numa brincadeira, mas é um assédio.”

A região do cérebro responsável pelo sexo se chama hipotálamo que é maior nos homens do que nas mulheres. Some isto ao fato de o homem ter de 10 a 20 vezes mais testosterona do que as mulheres e que ela age principalmente no hipotálamo estimulando o sexo. Aí fica fácil entender porque os homens são muito mais inclinados ao sexo do que as mulheres. “A função biológica do homem é encontrar o maior número possível de fêmeas saudáveis e fazer com que fiquem grávidas.” (PEASE, 2000, p. 195).

Super-Homem: *“Bem, assédio, assédio... eu tenho esta fraqueza em relação às mulheres (risos) é natural, é uma coisa minha, um aspecto de homem.” (risos).*

Gâmbit: *“Eu sou jovem, vou para a balada... E dentro da faculdade só rolou duas vezes, entendeu?”*

Batman: *“Como estávamos falando aqui da fraqueza, da luta, eu sou fraco demais, então eu não brigo porque assim eu não perco (risos). Fico na minha, no meu canto e espero que seja assim até o final. É a questão da liberdade, se você dá uma liberdade a mulherada chega mesmo, brinca, falam coisas.”*

O assédio não acontece somente na faculdade, também ocorre no local de estágio e é muito mais complicado porque vem da parte das usuárias e isto foi trazido pelos estudantes e pelos profissionais.

Super-Homem: *“No estágio eu estou sofrendo um pouquinho também a questão do assédio. Eu pensei que isto não ia acontecer. De usuária que vem e pá... e passou a mão... e eu me afastei. Aí depende muito de cada um, eu to me afastando pra não acontecer nada de mais. E estou começando a ficar meio apavorado com esta questão.”*

É importante frisar aqui a importância do respeito aos usuários e usuárias, frente às diversas contingências que nos trazem. Tendo em vista os princípios do nosso Código de Ética, quando nos fala do exercício do Serviço Social sem discriminar por questão de gênero e eliminação das diversas formas de preconceito.

Maquiavel: *“Já fui assediado por usuárias, o que resulta num trabalho adicional.”*

Parece não ser aceito pela sociedade em geral o relacionamento amigável entre um homem e uma mulher, existe a compreensão de que sempre há um componente sexual. E os alunos trouxeram que encontram dificuldade em fazer trabalhos extra-classe em grupo. O problema está em ir à casa das colegas fazer o trabalho ou levá-las para a sua casa, estas situações são evitadas devido ao constrangimento que podem trazer. Eles se sentem vítimas de um preconceito e até excluídos em alguns momentos.

Batman: *“Por exemplo, vai, trabalho, ‘vamos nos reunir em casa’, pô, eu vou junto? Entende? O marido não gosta... então eu acho que há um preconceito.”*

O relacionamento na faculdade não é preenchido só por dificuldades, é na maior parte do tempo algo agradável. São todos bem acolhidos e isso é algo que se percebe desde a chegada na faculdade, e estes relacionamentos não se restringem somente às colegas de suas classes, se estende as outras classes e aos professores e professoras.

Hulk: *“Não tem aquela da gente ser tratado como um rival, como um estranho, acho que até pelo contrário, é um grupo muito acolhedor.”*

Há até uma proteção, eles se sentem um pouco “mimados” pelas mulheres.

Jaspion: *“Há um protecionismo das meninas, que protegem mesmo a gente, até a questão de prova, questão de trabalho, embora eu busque não fazer uso disso, se eu não fizer o trabalho elas põem o meu nome...”*

Gâmbit: *“Por exemplo, o grupo que eu ando com as meninas, sou o mascote dali, entendeu?”*

Em sala de aula os alunos não se sentem vítimas de discriminação. O ambiente é amigável e possibilita que se conheçam uns aos outros, o que ajuda na quebra dos preconceitos.

O Fenômeno: *“A gente está num curso de maioria feminina e aqui a gente não sente este problema do preconceito. Me sinto até muito à vontade no meio delas.”*

O modo de ser das mulheres, abertas, conversadoras, sensíveis, ajuda no relacionamento em classe, mas às vezes este relacionamento fica difícil devido às diferenças que existem entre os sexos. Uma das coisas que eles mais reclamam é o fato das mulheres falarem demais.

Gâmbit: *“Sabe uma coisa que me irrita? Papinho de mulher, fala de homem, moda, família...”*

Batman: *“Uma coisa que eu vejo é muita discussão na classe...”*

Gambit: *“Mulher quando começa a discutir não para, este é problema.”*

Batman: *“Qualquer coisa brigam... aí uma fica nervosa...”*

Amulher, em média, utiliza por dia de 6.000 a 8.000 palavras, de 2.000 a 3.000 sons vocais e 8.000 a 10.000 gestos, expressões faciais, movimentos de cabeça e outros sinais de linguagem corporal. Já os homens utilizam, em média, de 2.000 a 4.000 palavras, de 1.000 a 2.000 sons vocais, de 2.000 a 3.000 sinais de linguagem corporal, mais ou menos um terço do que é utilizado pelas mulheres (PEASE, 2000).

O homem evoluiu como um caçador e ficavam horas à espera da presa utilizando-se apenas de sinais não-verbais. O homem pensa em silêncio e precisa dele para pensar, quando se expressa utiliza frases curtas, normalmente o seu pensamento já vem estruturado com um início, meio e fim. Já as mulheres utilizam a fala como a principal forma de expressão, ela pensa utilizando a fala. Ela pensa em voz alta porque é um modo de compartilhar, agradar, mostrar que está participando da conversa e conseguir aproximação, as palavras para elas, são uma forma de recompensa onde mostra se gosta ou concorda com você. Além disso, elas têm a capacidade de fazer várias coisas ao mesmo

tempo, elas podem estar falando de um assunto, mudar para outro e retornar novamente para aquele a qualquer momento e acrescentando novas informações, isso é difícil para o homem que faz uma coisa de cada vez.

Jaspion: *“Eu acho que a gente fica até meio fofoqueirinho assim no início.”*

As mudanças em nosso modo de vida vem assimilando as mulheres em papéis que antes eram próprios do homem. Assim como também os homens vêm desenvolvendo atividades antes específicas das mulheres. Mas percebe-se uma diferença quando uma mulher desempenha uma tarefa que antes era compreendida como de homem, vê-se como uma conquista, uma vitória das mulheres. Agora quando um homem desempenha uma tarefa dita feminina, o que vem acompanhado é muito mais um preconceito.

O preconceito vem baseado nos estereótipos, é difícil ser aceito como diferente, ser uma minoria, quando a sociedade prega a padronização. O preconceito é inerente a classe social, raça ou sexo, ele está presente em todo o lugar, na própria faculdade pode-se ouvir frases como: “Assistente Social homem? Ou é bicha ou é feio.”

Maquiavel: *“Nenhum de nós, Assistente Social ou usuário, de qualquer sexo, poderá ser considerado desprovido de preconceito, ter consciência disso leva a uma necessidade de auto avaliação constante, a um exercício de atenção extra ao próprio atendimento.”*

Os profissionais contam que no ambiente de trabalho os outros profissionais estranham o fato deles serem Assistentes Sociais e sofrem preconceito relacionando a sua formação com a orientação sexual.

Hegel: *“nunca sofri preconceitos de usuários, mas sofri preconceito de outros profissionais.”*

Marx: *“Quanto a mim algumas pessoas já chegaram a duvidar de minha sexualidade.”*

Este preconceito está ligado à confusão que fazem a respeito de alguns elementos da sexualidade. Uma coisa são os papéis sociais, que estão relacionados com o comportamento de ambos os sexos, o que é muito diferente de orientação sexual ou desejo sexual, isto é o que orienta cada um a desejar sexualmente homens, mulheres ou ambos. As pessoas confundem as atitudes sexuais com o desejo sexual. Um homem pode desempenhar papéis e até ter atitudes, gestos e o modo de falar considerados femininos, ou, efeminados e ter o seu desejo sexual orientado ao sexo oposto, ou seja, ser homossexual. Como também pode ser que não, que seja homossexual. Uma coisa não está necessariamente relacionada com a outra como acredita o senso comum.

Outra forma de preconceito sofrida pelos profissionais está relacionado com o baixo 'status' da profissão. O Serviço Social é pouco valorizado por uma sociedade de ideologia capitalista, que objetiva e valoriza o que pode trazer lucro. Os valores produzidos pelo Serviço Social são outros, ele se insere na sociedade como uma profissão que tem como objetivo construir uma sociedade democrática, plural, com justiça social e equidade. E "(...) incide no campo do conhecimento, dos valores, dos comportamentos, da cultura, que, por sua vez, têm efeitos reais interferindo na vida dos sujeitos." (IAMAMOTO, 2003, p.68).

O preconceito vem de uma sociedade que também é patriarcal e racista. O Serviço Social é reconhecido como uma profissão feminina e traz consigo todos os preconceitos e discriminações impostas às mulheres no mercado de trabalho, como baixa remuneração e exercício de funções menos valorizadas. Além disso, é "uma profissão tradicionalmente de mulheres e para mulheres" (IAMAMOTO, 2003, p.104). A sua demanda é muito mais feminina do que masculina, por trabalhar questões que estão relacionadas às tarefas socialmente atribuídas às mulheres, como o cuidado com a família, crianças, doentes, etc. E, ainda, seus usuários são, em grande maioria, proveniente das camadas mais pauperizadas da sociedade, vítimas de discriminação e preconceitos por razão de raça, cor, etnia e classe social.

Descartes: “(...) normalmente o preconceito aparece de forma bastante subliminar, e normalmente está ligado à questão relativa a masculinidade, ao baixo ‘status’ social da profissão e a capacidade intelectual para ingressar em um curso mais concorrido e valorizado socialmente.”

Se por um lado são discriminados por serem Assistentes Sociais, por outro são valorizados por serem Assistentes Sociais homens.

O Serviço Social emerge no Brasil na década de 1930, e por toda a sua história foi composto majoritariamente por profissionais do sexo feminino. E foi nesta época, em 15 de fevereiro de 1936, inaugurada a escola de Serviço Social de São Paulo, a primeira turma se formou em dois anos e era composta de quatorze alunas.

Em 1938, com o intuito de atender os pedidos de diretores de departamentos oficiais, obras sociais privadas e organizações oficiais de assistência, que para algumas atribuições preferiam homens, começou a funcionar à noite uma classe masculina na Escola de Serviço Social. No ano seguinte, para atender a várias conveniências, a Escola reuniu experimentalmente, num só período os cursos masculino e feminino, e durante quatro anos foram mantidos cursos mistos. Os Assistentes Sociais formados na segunda turma da Escola fundaram em 1940 o Instituto de Serviço Social para rapazes, e a Escola de Serviço Social voltou a matricular, novamente, só mulheres. O Instituto era uma organização católica e tinha como finalidade o estudo dos problemas sociais e a formação de Assistentes Sociais do sexo masculino. Graças ao Instituto, o número de Assistentes Sociais homens foi aumentando. “Sem dúvida uma das mais significativas contribuições do Instituto foi o fato de que em nenhum lugar no Brasil há tantos Assistentes Sociais homens (como aqui em São Paulo). Isso é bom para as mulheres, inclusive, por que desfeminiza a profissão.” (CORTEZ, 1983, p.13). O Instituto alguns anos mais tarde passa a se chamar Faculdade Paulista de Serviço Social e a aceitar turmas mistas.

Como as turmas de homens na Escola de Serviço Social e no Instituto surgiram para suprir uma necessidade de homens Assistentes Sociais, os profissionais que participaram da pesquisa apontam como uma das vantagens sentidas, o ingresso no mercado de trabalho.

Kant: *“Tive uma vantagem por uma questão de mercado. Consegui entrar em alguns projetos pelo fato de ser homem e as pessoas queriam uma visão masculina. A vantagem é que como tem poucos Assistentes Sociais homens a concorrência não foi tão grande.”*

E porque os homens são tão requisitados? Penso que por estarem em uma área onde a maioria é mulher haja a necessidade de um olhar diferente em relação a algumas questões que nos são postas cotidianamente. Talvez, por influência da visão patriarcal, busquem qualidades mais atribuídas ou encontradas nos homens, como pragmatismos, objetividade, um olhar mais racional menos emotivo, liderança, racionalidade, segurança, como já foi mostrado quando citada a cobrança que existe em cima dos homens.

Uma das vantagens encontradas no exercício profissional, levantadas pelos profissionais, é o fato de que em alguns casos os homens levam vantagens no atendimento a usuários homens.

Maquiavel: *“É possível sentir uma maior segurança e liberdade do usuário do sexo masculino em falar de alguns assuntos com um homem.”*

Kant: *“É uma questão mesmo do machismo, eles acreditam que por eu ser homem vou entendê-los melhor.”*

O homem é por natureza desconfiado, fechado, defensivo, esconde as suas emoções, e faz isso porque para ele demonstrar emoção é perder o controle. O condicionamento social reforça esse comportamento quando ensina “seja homem”, “faz cara de mal”, “homem não chora”. Eles se sentem mais a vontade para falar de determinados assuntos quando o profissional é um homem por ser um “igual”. É mais difícil demonstrar a sua fragilidade na frente de uma

mulher, pois não pode perder a sua postura de macho, de homem forte, corajoso, competente sexualmente, provedor e chefe de família.

Assim como eles sentem facilidade de atendimento aos homens, em contrapartida, eles também sentem dificuldade no atendimento com algumas demandas femininas.

Hegel: *“Mas acontece as vezes de meninas se sentirem um pouco constrangidas com a presença masculina por conta do referencial negativo que elas trazem. Em outras, a figura masculina positiva faz acreditar em outras possibilidades e facilita a dinâmica do atendimento.”*

Kant: *“É claro que a relação é diferente, não dá para negar. Eu trabalho com crianças e adolescentes e a relação com uma profissional mulher é uma, comigo é outra, não é a uma coisa mais próxima de contato, é mais de conversa. Mas acho que tenho mais facilidade de conversar com os homens.”*

Outro ponto que se destacou foi à dificuldade de tratar de assuntos relacionados a sexualidade feminina com as mulheres. Isto acontece, provavelmente, devido a educação sexual estar relacionada com a repressão sexual, pois a dificuldade e a necessidade de educação sexual surgem, basicamente, em função da representação estabelecida pela cultura e pela sociedade.

Kant: *“Nos atendimentos individuais, quando vou fazer uma intervenção mais focada na saúde da mulher, tenho mais dificuldade.”*

Marx: *“Tenho de reconhecer que não me sinto a vontade para tratar de assuntos referentes a planejamento familiar, amamentação, gravidez, e outros assuntos referentes ao universo feminino. Isso ocorre pela inexistência de informação acerca desses temas, mas por ser uma questão especificamente feminina.”*

Os alunos também trazem esta dificuldade no atendimento às mulheres, mas também colocam que são por vezes excluídos e que o preconceito vem por parte das usuárias e também da profissional que o acompanha.

Super-Homem: *“A Assistente Social vai falar com uma mulher lá que tem um filho com HIV positivo, tem a relação da família e entra no particular da sexualidade, do método anticoncepcional, da relação sexual e a Assistente Social diz assim, ‘deixa-me conversar com ela sozinha, mas ela conversa com os homens!’”*

Indiana Jones: *“Foram me apresentar para um grupo de mães e elas, ‘um homem, não!’ mas como é que a gente vai falar com um homem coisas nossas?” e isto na minha frente, eu quase saí correndo.” (risos)*

Hulk: *“(...) na hora da gente fazer uma roda para conversar sobre assuntos ligados à sexualidade, nestes momentos eu saía e a Assistente Social ficava. Como só tinha meninas, elas não se sentiam à vontade com a minha presença lá. Era um momento para estar participando, estar aprendendo muito, e neste momento eu era excluído.”*

Uma outra dificuldade observada pelos profissionais está relacionada com a característica do sexo masculino. Os homens ao longo da nossa história ficaram com as atribuições que os levavam a permanecer boa parte do tempo longe de casa, caçando, trabalhando. Eles não ficavam perto da sua família o tempo suficiente para apreender a interpretar os sinais não-verbais. “(...) as mulheres possuem habilidades sensoriais muito mais aguçadas que os homens. Como perpetuadoras da espécie e guardiãs da cria, precisam ser capazes de perceber mudanças sutis nas atitudes e no humor dos outros.” (PEASE, 2000, p.26).

Maquiavel: *“Como parte da formação masculina é baseada numa ampla, profunda interdição a muitas formas de manifestação de sentimento, as vezes sinto dificuldade em acolher, em dar uma atenção mais próxima que alguns casos requerem.”*

As dificuldades encontradas pelos profissionais no campo de trabalho e pelos alunos nos locais de estágio são uma barreira inicial. E ambos consideram que isto é um desafio, mas estas dificuldades são quebradas com uma postura profissional séria, ética e de respeito.

Indiana Jones: *“A postura profissional quebra preconceitos.”*

Kant: *“Isto num primeiro momento, depois vem a habilidade profissional para estar trabalhando estas questões.”*

Sócrates: *“No início da carreira temi que as questões mais íntimas de uma cliente pudessem não deixá-la a vontade. Ledo engano. A ética e o sigilo sempre foram marcos colossais na minha vida profissional.”*

Agora, apesar das diferenças, das vantagens, das desvantagens, o diferencial na prática profissional não é a questão de gênero. Um profissional não é melhor ou pior por ser homem ou por ser mulher, a qualidade do exercício profissional se dá pelos fatores apontados pelos Assistentes Sociais pesquisados:

Marx: *“Não é o fato de eu ser homem que diferencia a minha prática profissional, mas sim a minha história de vida, minha visão de mundo e o modo como me aproprio do referencial teórico que norteia a profissão.”*

Rosseau: *“O que diferencia a prática profissional não é o gênero, mas sim o grau de compromisso com os princípios éticos, visto que na relação profissional/usuário devemos agir com responsabilidade para que não haja juízo de valor. (...) o diferencial está no nível de conhecimento teórico/metodológico que o profissional detém.”*

Alguns dos profissionais se colocaram positivamente, quando questionados se eles se consideravam diferentes dos outros homens.

Hegel: *“Acredito que um homem inserido num espaço de mulheres consegue ficar mais atento e sensibilizado com os problemas que as mulheres atravessam.”*

Kant: *“Eu acho que sim. Eu me considero menos machista que os outros homens, não que não seja machista, mas eu consigo fazer esta reflexão. Eu acho que a minha relação com minha companheira e meus filhos é muito diferente das outras pessoas. Até pelo fato de dialogar mais, e tentar desconstruir algumas coisas do papel masculino e do feminino, e não tenho vergonha disso.”*

O Serviço Social é uma profissão predominantemente feminina e trata de questões que envolvem uma maneira diferenciada de ver a realidade. Os homens Assistentes Sociais por estarem inseridos neste meio e por trazerem uma nova visão de mundo, se libertam das amarras dos estereótipos para se tornarem homens diferentes, não “homens de verdade” ou “homem macho” e sim, “pessoas de verdade”, “homens essencialmente humanos”.

CONCLUSÃO

Os pontos levantados nesta pesquisa ajudaram a desvendar um pouco o universo masculino e mostrar que o homem também paga um alto preço por viver em um sistema patriarcal. As mudanças que vem ocorrendo no mundo relacionadas com a questão de gênero, devem trazer no seu bojo a preocupação com a questão do homem. Faltam pesquisas, políticas e atenção para os homens. Pensar o homem não só como o explorador, o agressor, o vilão, o imprestável, o estuprador, o violento, e pensá-lo também como o explorado, o abusado, a vítima, o estuprado, o violentado.

Os dados coletados mostram que não podemos nos considerar iguais, somos diferentes e somos todos parte de um todo que nos unifica. Saber lidar com estas diferenças procurando conhecer cada vez mais um ao outro é essencial, para uma convivência mais harmoniosa e justa, o que é alcançado quando se destrói as injustiças trazidas por um sistema que utiliza as diferenças para valorizar um sexo em detrimento do outro.

Precisamos quebrar o molde que forma as máscaras dos papéis sociais, dos estereótipos que somos “obrigados” a usar e que escondem nosso verdadeiro ser. É um desafio que ainda vamos travar por muito tempo, é uma guerra que ainda está longe de terminar, e é travada em cada ação do nosso dia a dia. O gênero se constrói no micro e no macro espaço, não se faz só longe da gente, ele se forma também dentro de nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

10º Congresso brasileiro de Assistentes Sociais. **Programação e caderno de resumos**. Rio de Janeiro, CEFESS/CRESS 7ª Região/ ABEPSS/ENESSO, 2001. 296 p.

BOECHAT, Walter. org. **O masculino em questão**. Petrópolis, Vozes, 1997. 259 p.

CARDOSO, Fernando Henrique. & IANNI, Octávio. org. **Homem e sociedade**: leituras básicas de Sociologia geral. 7.ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1973. 317 p.

CORTEZ, José Pinheiro. e outros. História do Serviço Social no Brasil: mesa redonda realizada na reitoria da Pontifícia /Universidade Católica de São Paulo em 22 de novembro de 1982. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, 12: 11-31, ago. 1983.

FAURY, Mirian. e outros. **Os meninos do Serviço Social**. ANAIS do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. Brasília, ABEPSS, vol.4, 154-161.

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Fundamentos de Sociologia**. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1983. 558 p.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, sd. 171 p.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O Serviço Social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 6. ed. São Paulo, Cortez, 2003. 326 p.

LIMA, Arlette Alves. **Serviço Social no Brasil: a ideologia de uma década**. 3. ed. São Paulo, Cortez, 1987. 111 p.

MARTINELLI, Maria Lucia, **Serviço Social: identidade e alienação**. São Paulo, Cortez, 1995.

MAZZO, Leandro. **Masculinidade(s) e a violência contra a mulher**. (Trabalho de Conclusão de Curso – UniSantos). Santos, 2001. 33 p.

NOLASCO, Sócrates. **De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais.**

Rio de Janeiro, Rocco, 2001. 318 p.

PEASE, Allan & PEASE, Bárbara. **Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?: uma visão científica (e bem humorada) de nossas diferenças.** Tradução Neuza M. Simões Capelo. Rio de Janeiro, Sextante, 2000. 239 p.

RESOLUÇÃO CFESS nº273/93 de 13 de março de 1993.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação sexual além da informação.** São Paulo, EPU, 1990. 66 p.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O poder do macho.** São Paulo, Companhia das Letras, 1987. 120 p.

SUNG, Jung Mo. & SILVA, Josué Cândido da. **Conversando sobre ética e sociedade.** Petrópolis, Vozes, 1995. 117 p.

YASBEK, Maria Carmelita. A escola de Serviço Social de São Paulo no período de 1936 a 1945. **Cadernos PUC.** São Paulo, 6: 11-60, sd.